

Evento: XXIII Jornada de Extensão.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS NA PRÁTICA EXTENSIONISTA¹

TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE: METHODOLOGIES AND THE EXTENSIONIST PRACTICE

Thiago Nasi da Silva², Fernanda Trein³, Taíse Neves Possani⁴

¹ Projeto de Extensão Projeto Ensino de Português para Estrangeiros e Projeto Acolher: ensino de português como língua de acolhimento.

² Bolsista PIBEX; Estudante do curso de Letras: Português e Inglês da Unijuí.

³ Orientadora dos projetos; Professora dos cursos de Licenciatura da Unijuí.

⁴ Coordenadora e professora dos cursos de Letras e Pedagogia da Unijuí.

INTRODUÇÃO

O curso de Letras da Unijuí tem, nos últimos anos, atuado em uma área recente de formação, que estuda o ensino da língua portuguesa como língua estrangeira, em diversas modalidades. Dessa forma, são duas as maneiras através das quais o curso tem desenvolvido suas atividades: através do PLE e do PLAc.

O projeto de extensão Ensino de Português para Estrangeiros (PLE) atua na Unijuí desde 2020 com o objetivo de ensinar a Língua Portuguesa (LP) para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. As aulas, oferecidas semanalmente, são ministradas de forma que possibilitem o desenvolvimento das quatro principais habilidades linguísticas (ler, escrever, ouvir e falar) dos alunos a partir de diferentes gêneros textuais. Por meio da formação, os estudantes, além de aprenderem a língua, enriquecem seus conhecimentos acerca da cultura brasileira, possibilitando sua participação ativa nos cursos e programas em que se inserem.

Em 2022, através de um convênio entre a Igreja Mórmon, a Prefeitura Municipal de Ijuí e a Unijuí, surgiu o Projeto Acolher (PLAc), com uma perspectiva diferente do PLE. Para o ensino de Língua Portuguesa como língua de acolhimento, o projeto, que conta com duas aulas semanais, é oferecido a adultos refugiados venezuelanos e colombianos na cidade, que procuraram instituições municipais, já que encontravam-se com dificuldades de se estabelecerem no município. Em aula, os estudantes aprendem, mediante diversos gêneros textuais, a Língua Portuguesa e as culturas brasileira e regional.



Portanto, a fim de compreender as diferenças entre cada projeto e seus alunos, faz-se necessário conceituar três perspectivas metodológicas de ensino de línguas: ensino de língua estrangeira, língua adicional e língua de acolhimento. A partir disso, refletiremos como tais perspectivas influenciam a prática de extensão e ensino do professor de línguas.

METODOLOGIA

O trabalho em questão é de cunho bibliográfico e qualitativo. Isso porque, conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica [...] “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Assim, partiu-se das pesquisas já existentes para o embasamento teórico e planejamento das aulas ministradas durante o curso, bem como definição das siglas que se referem às perspectivas de ensino de línguas, como língua materna, nativa ou primeira (L1), língua estrangeira (LE), adicional (LA) ou segunda (L2) e língua de acolhimento.

Porém, a pesquisa também é qualitativa, na medida em que a teoria é articulada à prática “com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos” (*Ibidem*, p. 134). Com o embasamento teórico, buscou-se compreender sua influência no planejamento e na realização das aulas, assim como o aprendizado dos alunos. Por meio da articulação teórico-prática, refletiu-se sobre a prática extensionista e a formação docente no curso e na universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por “língua materna” ou L1, entendemos que “é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade” (SPINASSÉ, 2006, p. 5). É possível que o indivíduo tenha mais de uma língua como materna ou primeira, nos casos de bilinguismo, quando há o aprendizado de uma língua em casa que não é falada pela comunidade, ou, de forma geral, com a exposição da criança a mais de uma língua na fase de aquisição da linguagem.

Nesse sentido, os alunos do Português como Língua Estrangeira possuem a Língua Espanhola, Língua Inglesa e/ou Francesa como língua materna. Desses, seis têm o Espanhol como L1, da Colômbia, do Equador ou da Argentina; dois, o Inglês e o Espanhol, dos Estados Unidos; e quatro o Francês, de Senegal e de Gana. No contexto do PLAc, todos os alunos possuem a Língua Espanhola como L1, porém provenientes da Venezuela ou da Colômbia. A



partir da L1, os alunos entram em contato com uma outra língua que, por diversos motivos, dispõem-se a aprender. Assim, distingue-se o aprendizado da Língua Portuguesa.

Nas turmas de PLE, entendemos, de modo geral, que

temos o estudo de uma segunda língua no caso em que a língua estudada é usada fora da sala de aula da comunidade em que vive o aluno (exemplo: situação do aluno brasileiro que foi estudar francês na França). Temos língua estrangeira quando a comunidade não usa a língua estudada na sala de aula (exemplo: situação do aluno que estuda inglês no Brasil). (LEFFA, 2016, p. 23)

Portanto, os alunos que participam do projeto e moram, atualmente, no Brasil para realizar seu curso de pós-graduação, estariam estudando Português como L2, pois utilizam-na no cotidiano e no contexto educacional. Por outro lado, os alunos que ainda não vieram para o Brasil e participam do projeto remotamente, de seu país de origem, estudam a língua como LE.

Contudo, tal definição de L2 não basta para os aprendizes migrantes do Projeto Acolher. Os alunos de ambos os cursos podem ser chamados de “migrantes”, que é

um termo guarda chuva, não definido por legislações internacionais, que reflete o entendimento comum de uma pessoa que se desloca de seu local habitual de residência, seja dentro de um país ou por fronteiras internacionais, temporária ou permanentemente, por diversos motivos. (IOM, 2022, tradução nossa)

Eles encontram-se no contexto de aprendizado de LP, porém, por motivos diferentes. Se, de um lado, no PLE, temos alunos que optaram por estudar em um país estrangeiro, o Brasil, e que estão vinculados à Universidade, do outro, no PLAc, temos pessoas em situação de refugiados, que necessitam aprender a língua para sua inserção urgente na sociedade.

Como definido e reiterado pela Declaração de Cartagena de 1984, refugiados são

as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública. (ACNUR, 1984, p. 3)

Para esses aprendizes, que chegam ao país e precisam se inserir “numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes”, a aprendizagem e o uso da LP “[estarão ligados] a



um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo” (GROSSO, 2010, p. 68). O ensino da língua, então, deve passar pelos campos de atuação da vida cotidiana, aquilo que é necessário para a sobrevivência das pessoas em uma realidade diferente da sua. O Português se estabelece, assim, como “a ponte e o acesso a espaços sociais e laborais” (ANÇÃ, 2008, p. 84).

Dessa forma, é mais fácil compreender como as práticas de um projeto diferenciam-se das de outro. Quanto ao PLE, as aulas possuem uma perspectiva metodológica distante das aulas do PLAc. Através de aulas expositivas, os alunos da Unijuí estudam gêneros textuais com o objetivo de vivenciar a língua em um contexto acadêmico, compreendendo tópicos gramaticais e questões culturais que influenciam sua compreensão do Português nos espaços que estão inseridos.

Além disso, após cada aula expositiva, recebem uma *playlist* de conteúdo online — vídeos, principalmente, e textos — que possam ajudar a compreender ainda mais o estudado. Também precisam realizar atividades complementares ao horário de aula, que revisam o conteúdo da aula da semana. Essa avaliação atua de forma a permitir que vejam seu progresso em algumas habilidades linguísticas e também para auxiliar os professores no planejamento das aulas.

Os estudantes do PLAc, porém, recebem apostilas com textos e atividades que contemplam o conteúdo a ser estudado a cada dez aulas. Se no PLE o foco são as habilidades linguísticas e a vivência universitária, no PLAc as habilidades vêm acompanhadas de questões culturais do cotidiano do brasileiro. Contempla-se da ida ao supermercado, à ida ao hospital e à matrícula dos filhos na escola. Acolhem-se as necessidades do aluno para permitir que vivam plenamente em um contexto de adaptação cultural e linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de extensão em ambos os projetos diferencia-se não apenas nos conceitos teóricos, mas também no planejamento didático e no momento do ensino. Como os alunos do PLE não se encontram exatamente em situação de vulnerabilidade, entende-se que a abordagem não deva voltar-se a essas questões, levando em consideração que seu aprendizado de língua estrangeira é voluntário e motivado por questões acadêmicas. Entretanto, é impossível a prática na sala de aula do PLAc sem ter em conta o momento de vida de cada um



dos alunos, sem cultivar o afeto, o acolhimento, o entendimento de sua situação. Mais do que o aprendizado de uma língua estrangeira, os alunos dependem da sensibilidade do docente para que sejam compreendidas suas necessidades — linguísticas, culturais e humanas.

Ressaltamos que, apesar das diferentes perspectivas, o aluno deve sempre ser o centro da atividade do professor. É com suporte a suas habilidades que se torna possível o planejamento, o ensino e a aprendizagem, que devem, como um todo, perpassar os âmbitos de maior importância para cada contexto.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação. Língua de Acolhimento. Língua Estrangeira.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Unijuí, por meio do Programa Institucional de Extensão – Pibex, por possibilitar a realização das atividades dos projetos de extensão e a formação dos bolsistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **Declaração de Cartagena de 1984**. Disponível em:

https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

ANÇÃ, M.H. Língua portuguesa em novos públicos. **Saber (e) Educar**, n. 13, p. 71-87, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. 171 p.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n.2, p. 61-77, 2010.

IOM. **About Migration**. Disponível em: <https://www.iom.int/about-migration>. Acesso em: 20 jun. 2022.

LEFFA, Vilson J. **Língua Estrangeira: ensino e aprendizagem**. Pelotas: Educat, 2016. 324 p.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-10, nov. 2006.